



Aceito em: 01/12/2016

Recebido em: 31/10/2016

A perpetuação da divindade de Alexandre, o grande através dos textos.

The perpetuation of Alexander's divinity, through the texts.

Estela de Melo Faria¹

MN-UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/3809754381954127>

Resumo: O presente artigo vem mostrar como a campanha propagandística de Alexandre, o Grande gerou frutos para as gerações que o sucederam. Um imperador que por onde passou fez questão de implementar seu sistema monetário e utilizar dele para outras finalidades que não unicamente a comercial. O que está retratado aqui é como essa propaganda irá atingir as sociedades que irão surgir após sua morte, como os escritores de anos depois o vão retratar, deixando algumas vezes seu aspecto humano em segundo plano.

Palavras-chave: Alexandre, o Grande – propaganda – divinização – legitimação de poder – herança cultural.

Abstract: This paper is to show how the propaganda campaign of Alexander the Great bore fruit for the generations that succeeded him. An emperor that he has visited was keen to implement its monetary system and use it for purposes other than solely commercial. What is depicted here is how this propaganda will reach the companies that will emerge after his death, as the writers of years later will portray, sometimes leaving his human aspect in the background.

Keywords: Alexander the Great – propaganda – deification - legitimation of power - cultural heritage.

¹ Mestra em Arqueologia pelo programa de pós-graduação do Museu Nacional/ UFRJ sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese. Título da dissertação: A divinização de Alexandre, o Grande: um estudo de suas cunhagens presentes no Museu Histórico Nacional/ RJ. Órgão financiador: Capes.

Introdução

As ideologias podem fazer usos de símbolos culturais para encobrir as relações de desigualdade e dominação, servindo para legitimar os interesses de um grupo no poder. Um importante mecanismo de hegemonia é o de transformar valores e interesses específicos de um determinado grupo em valores universais e atemporais. (POZZER, 2012, p.18). Alexandre durante a época que governou irá utilizar da grande estrutura comercial que tem em mãos para essa finalidade.²

Durante seu governo o contato com novas culturas será intenso devido a intensa política de expansão. Um dos contatos culturais que mais influenciará será a do império persa, uma de suas maiores conquistas que estava sob o comando de Dario III.

A figura de Alexandre se transforma durante esse período, a lenda que já existia é transformada para os propósitos de cada rei levando-se em consideração referenciais culturais e geográficas. Alexandre é de uma grande importância simbólica em tempos de insegurança e do frágil equilíbrio de poder durante as gênesis de início dos reinos helenísticos, mas têm que deixar o palco uma vez que as coisas estão mais calmas (DAHMEN, 2007, p.14).

Os estudos provenientes das cunhagens ligadas a Alexandre permitem não só uma melhor compreensão da época em que ele reinava, mas também como sua imagem foi utilizada por aqueles que queriam alguma forma de estar ligados à sua linhagem. Quando vivo procurava se assemelhar aos deuses para legitimar seu governo, após sua morte se torna referência para a legitimação. Poucos homens transcenderam seus momentos na história mais que Alexandre, o Grande (HOLT, 2003, p.1).

A 'divinização de mortais' foi um dos exemplos que Alexandre deixará para os governantes nos séculos vindouros, e suas primeiras insinuações de imortalidade podem ser atribuídas a peregrinação ao Oráculo de Ammon em Siwa.

Ian Worthington (2003) apresenta este sendo como um dos aspectos mais controversos do seu reinado, pois além de ter procurado meios para ser deificado ainda vivo – encarado como um modo de superar as conquistas de Filipe – ele aparentemente tinha crença na sua própria divindade (WORTHINGTON, 2003, p 236).

² As discussões em relação a utilização da numismática por Alexandre em seu governo foram feitas com mais detalhes na dissertação para obtenção de grau de Mestre pelo PPGArq intitulada: A divinização de Alexandre, o Grande: um estudo de suas cunhagens presentes no Museu Histórico Nacional/ RJ. Esse artigo constitui uma parte desse processo.

Para ele a jornada para a deificação de Alexandre começa com sua visita ao oráculo de Zeus Ammon no inverno de 332 a.e.c no Egito. A deificação de Alexandre teve repercussões para ele e sua realeza, os gregos aceitavam que ele era um descendente de Zeus através de Hercules, mas descendente era diferente de Alexandre chamando a si mesmo de um filho real de Zeus (WORTHINGTON, 2003, p 237).

A utilização de Alexandre como divino.

Com sua morte prematura, o império de Alexandre acabou sendo dividido entre os seus principais generais. O desmembramento não se deu em uma só etapa; foi consequência de divisões sucessivas que, a princípio, inscreviam-se numa manutenção teórica da unidade imperial e da legitimidade dinástica da família real macedônica (MOSSÉ, 2004, p. 127), o que não acaba acontecendo.

A princípio, o nome que surge com mais força para assumir o posto de Alexandre, é Pérdicas, que dentre os sete guarda costas reais, seria o único escolhido pelo imperador, aquele que recebe diante de todos o anel de selo de seu mestre, o único registro apontado como indicio de transferência organizacional do poder (GREEN, 2007, p. 56)

Talvez tenha se pensado que isso bastava para identificar o herdeiro necessário, e que suposta identificação de seu sucessor pelo moribundo “como o mais forte” era (como de fato um apoiador de Pérdicas argumentou depois) um repúdio ao princípio dinástico. Mas isso era algo que os macedônios se recusavam terminantemente a aceitar. (GREEN, 2007, p. 56).

Começara um período extremamente conturbado, no qual alianças eram feitas e desfeitas em torno dos dois reis – o meio-irmão e o filho de Alexandre – que o eram só no nome, porém simbolizavam a continuidade do império de Alexandre. (MOSSÉ, 2004, p. 130). Uma continuidade que não passava de ilusão

Os chefes do exército encamparam uma repartição das províncias: Ptolomeu recebia a satrapia do Egito, Leonato a Frígia Helespôntica, Lisímaco a Trácia, enquanto Antígono era confirmado na satrapia de Frígia, Lídia e Panfília. (MOSSÉ, 2004, p. 129). Todas as divisões feitas do território ocasionaram revoltas e levantes contra alguns daqueles que tentaram tomar o poder para si. A princípio questões como a dos herdeiros foram usadas como pretexto, mas com o decorrer do tempo ficou claro que os generais que utilizavam desse argumento estavam agindo em seu próprio favor.

O objetivo não é realmente retratar Alexandre como um indivíduo, mas sim para explorar a sua lenda e potencial ideológico como um instrumento dos

interesses próprios de Ptolomeu ... Alexandre não é sempre apresentado como um ser humano, mas como uma figura divina; o mundo dos vivos, cujo guardião do rei morto tornou-se, é espelhado através deste contraste e, assim, deixado para os outros para governar. (DAHMEN, 2007, p. 48).

Não é a utilização da figura pura e simples de Alexandre que terá lugar no início dos reinos Helenísticos, é sua imagem divina e o potencial ideológico que isso irá trazer, que dará aos novos governantes a legitimação necessária que eles estão buscando. Todos se consideraram em algum momento herdeiros legítimos do trono deixado por ele, e a utilização de sua representação nesse momento ajudará nisso.

Num grau bastante notável, os principais governantes dos primeiros anos helenísticos estavam tentando se ajustar as novas realidades internacionais, enquanto ainda pensavam – na medida em que sequer consideravam conscientemente o problema – em termos do que continuava sendo, especialmente para a Macedônia, a economia de uma idade heroica (GREEN, 2007, p. 88).

O uso frequente da representação de Alexandre em cunhagens acabará com o período Romano, entretanto, a valorização de sua lenda continua na Idade Média com algumas alterações e novas elaborações que surgirão através de contos e histórias. O Alexandre dessas representações medievais terá características diferentes das conhecidas na antiguidade, chegando até a ser romanceado. Foi, talvez, durante a época medieval, que o mito de Alexandre conheceu seu mais espetacular desenvolvimento (MOSSÉ, 2004, p. 187).

O uso da semelhança de Alexandre em moedas continua a ser uma prática comum em toda a antiguidade. Ele chama a atenção para a agenda política, programação e mentalidade dessas autoridades - real, cívica (e, ocasionalmente, privada) - responsável pela sua produção. (DAHMEN, 2007, p. 58).

A maior conclusão que podemos tirar dos usos da imagem de Alexandre após a sua morte é que de alguma forma, os reinos que estão nascendo nesse momento, necessitam de alguma forma estarem ligados a ele, serem considerados uma continuidade do projeto que ele largara pela metade com sua partida prematura. No surgimento desses reinos helenísticos isso se torna fundamental e será abandonado gradualmente conforme a estabilidade dos novos governantes vai surgindo.

Um fato notável é que não é o homem Alexandre pura e simplesmente que está representado nessas peças, e sim o deus que ele foi considerado. Toda a sua propaganda em vida para que isso fosse aceito, será amplamente divulgada após sua morte. O deus Alexandre dá a legitimidade necessária para os novos

governantes, legitimidade que ele buscou se assemelhando as suas raízes divinas durante o tempo que viveu.

A recepção da representação no textual: Luciano, Plutarco, Arriano, Justino e Claudio Eliano.

Os relatos que dão conta da vida de Alexandre, não são contemporâneos a sua época. Os escritos que foram feitos sobre sua vida, campanhas militares e governo não resistiram ao passar do tempo, e trabalha-se com textos referentes a ele que foram escritos por pessoas que provavelmente tiveram acesso a algum tipo de fonte que os permitiram fazer esse tipo de trabalho.

Esses escritores estão distantes cronologicamente do tempo em que Alexandre viveu e reinou em torno de 300 anos, estão inseridos em outro império e uma cultura diferente. Três dos autores que o mencionam em suas obras foram escolhidos para esse trabalho.

Plutarco, dentre seus escritos, se dedicou a escrever as vidas de grandes homens, estando dentre eles, Alexandre, sendo um autor de maior utilidade para o estudo de sua personalidade (SANT'ANNA, 2011 p.13). Arriano faz parte de uma longa tradição historiográfica que o aponta como o sendo mais confiável para os assuntos referentes a vida Alexandre, devido a qualidade de suas fontes - utilizando de escritos de Ptolomeu. (SANT'ANNA, 2011 p. 11-12).

Luciano é considerado, o criador de um novo gênero, combinando o diálogo filosófico no estilo de Platão, com a comédia. A parte de sua obra que se tem a inserção de Alexandre são dentro dos diálogos, no caso o dos mortos, em alguns casos, temos uma breve conversa entre dois ou mais caracteres, sem uma introdução, e o diálogo de Alexandre está sendo feito com seu pai, Filipe. (ESPINOSA ALARCON, 1981, 33).

Ao lado de Arriano, nota-se a chamada Vulgata. Tradição que foi seguida pelos autores cujas obras chegaram sobre Alexandre. Justino dentre esses que a escreveram é o que mais se adequa as proposições do trabalho. A Varia História de Eliano também terá seu espaço.

Obras com características diferentes, escritas por pessoas que não viveram contemporaneamente ao seu reinado, mas que mesmo com uma distância temporal tão grande escreveram sobre Alexandre e o retrataram ou pelo menos tocaram no ponto da sua divindade.

Luciano.

A vida de Luciano se estende praticamente ao longo de todo o século 11 da era comum (e.c.). Ele foi um escritor prolífico, o seu trabalho é extenso, mas nem todos os manuscritos foram transmitidos de maneira aceitável. Quando se olha para o conjunto de obras formadas pelos escritos de Luciano, á um que se destaca: os diálogos. (ESPINOSA ALARCON, 1981, p.31). E são nessas obras, mais precisamente nos Diálogos dos Mortos que encontramos a presença de Alexandre, conversando com seu pai, Filipe, logo após sua morte.

As questões do diálogo são postas por Filipe, que consiste em 11 trocas e começa com o questionamento dele a seu filho sobre as questões de paternidade, já que Alexandre se colocava como filho de um deus durante sua vida e as questões de imortalidade. A seguir não contente com as respostas que recebe, e o acusará de não se portar como um rei.

Filipe: Você não pode negar que você é meu filho, desta vez, Alexandre; você não teria morrido se tivesse sido filho de Amon.

Alexandre: Eu sabia o tempo todo que você, Filipe, filho de Amintas, era meu pai. Eu só aceitei a declaração do oráculo, porque eu pensei que era uma boa política.

Filipe: O que, para sofrer se a ser enganado por mentir sacerdotes?

Alexandre: Não, mas teve um efeito inspirador sobre os bárbaros. Quando eles pensavam que tinham um Deus para lutar com eles desistiram da batalha; que fez sua conquista uma questão simples. (BARLETTA, 2010, p.48)³.

Filipe: E quem é que alguma vez conquistar que valia conquistar? Os seus adversários nunca foram criaturas tímidas, com seus arcos e suas flechas e seus escudos de vime. Foi outro trabalho conquistar os gregos: Beocios, Phocians, Atenienses; hoplitas da Arcádia, cavalaria da Tessália, homens javalis de Elis, peltastas de Mantinea; Trácios, Ilirios, Paeonians; para subjugar estes era algo. Mas para os medas e persas e caldeus, - por que tinha sido feito antes: se você nunca ouviu sobre expedição dos dez mil sobre o do cadáver fedorento do Clearco? E como o inimigo não teria sequer entraram em conflito com eles, mas fugiu antes que eles estavam dentro do cerco de Tiro?

Alexandre: Ainda assim, havia os citas, pai, e os elefantes indianos; eles não eram brincadeira. E minhas conquistas não foram adquirida por dissensão ou a traição; eu não quebrei nenhum juramento, nenhuma promessa, nem nunca comprou a vitória à custa da honra. Quanto aos gregos, a maioria deles se juntou a mim sem luta; e ousou dizer que você já ouviu falar como lidei com Tebas.

Filipe: Eu sei tudo sobre isso; eu tinha-o de Clitos, a quem você correu através do corpo, no meio do jantar, porque presume-se mencionar minhas realizações no mesmo fôlego com o seu. Dizem-

³ Phil: You cannot deny that you are my son this time, Alexander; you would not have died if you had been Ammon's.

Alex: I knew all the time that you, Philip, son of Amyntas, were my father. I only accepted the statement of the oracle because I thought it was good policy. Phil: What, to suffer yourself to be fooled by lying priests?

Alex: No, but it had an awe-inspiring effect upon the barbarians. When they thought they had a God to deal with, they gave up the struggle; which made their conquest a simple matter. (BARLETTA, 2010, p.48)

me também que você levou para imitar os costumes de seus medos conquistaram; abandonou o manto macedônio a favor das túnicas, assumiu a tiara na posição vertical, e exigiu prostrações orientais de homens livres macedônios! Esta é delicioso. Como a seus jogos brilhantes, e seu amado Heféstion, e seus estudiosos em jaulas dos leões, -a menos o melhor. Eu só ouvi uma coisa a seu crédito: você respeitou a pessoa da bela esposa de Dario, e que forneceu para a sua mãe e filhas; lá você agiu como um rei. (BARLETTA, 2010 p. 48)⁴.

Filipe repreende Alexandre por utilizar de ascendência divina para obter sucesso em suas conquistas, e de adotar os costumes do ocidente em sua corte, perante ele as únicas atitudes de Alexandre que são consideradas louváveis são as tomadas em relação a família de Dario quando ele conquista o império persa. Esse diálogo ocorre assim que Alexandre chega ao mundo dos mortos, e acaba sendo uma prestação de contas de sua atitude em vida. Por mais que essa obra esteja sendo escrita com uma grande distância temporal da vida do monarca ela trata do tema da divindade assumida por Alexandre em vida, mesmo que ela esteja sendo contestada por seu verdadeiro pai, e haja a resposta assumindo que ela foi utilizada como estratégia, uma questão política.

Filipe critica a postura adotada por Alexandre durante sua campanha Asiática, a imagem que irá surgir é a de um rei helênico convertido e um déspota oriental, um homem que se permitiu acreditar que ele pudesse superar a própria morte, como se fosse apenas mais um obstáculo em seu tabuleiro (BARLETTA, 2010, p. 49), o que se segue é pai tentando envergonhar o filho por seus pontos fracos e o segundo tentando ganhar sua benevolência.

Alexandre: E você tem nada a dizer do meu espírito aventureiro, pai, quando eu era o primeiro a saltar para dentro das muralhas do Oxydracae, e estava coberto com feridas?

⁴ Phil: And whom did you ever conquer that was worth conquering? Your adversaries were ever timid creatures, with their bows and their targets and their wicker shields. It was other work conquering the Greeks: Boeotians, Phocians, Athenians; Arcadian hoplites, Thessalian cavalry, javelin-men from Elis, peltasts of Mantinea; Thracians, Illyrians, Paeonians; to subdue these was something. But for gold-laced womanish medes and Persians and Chaldaeans, — why, it had been done before: did you never hear of the expedition the stinking corpse of the Ten Thousand under Clearchus? And how the enemy would not even come to bows with them, but ran away before they were within bow-shot?

Alex: Still, there were the Scythians, father, and the Indian elephants; they were no joke. And my conquests were not gained by dissension or treachery; I broke no oath, no promise, nor ever purchased victory at the expense of honour. As to the Greeks, most of them joined me without a struggle; and I dare say you have heard how I handled Thebes.

Phil: I know all about that; I had it from Clitus, whom you ran through the body, in the middle of dinner, because he presumed to mention my achievements in the same breath with yours. They tell me too that you took to aping the manners of your conquered medes; abandoned the Macedonian cloak in favour of the candys, assumed the upright tiara, and exacted oriental prostrations from Macedonian freemen! This is delicious. As to your brilliant matches, and your beloved Hephaestion, and your scholars in lions' cages, —the less said the better. I have only heard one thing to your credit: you respected the person of Darius's beautiful wife, and you provided for his mother and daughters; there you acted like a king. (BARLETTA, 2010, p. 48).

Filipe: Nenhuma palavra. Não que isso seja ruim, na minha opinião, para um rei ferido ocasionalmente, enfrentar o perigo à frente de suas tropas, mas esta era a última coisa que você foi chamado a fazer. Você estava se passando por um Deus; e ser ferido, e levado para fora do campo em uma maca, sangrando e gemendo, só poderia excitar o ridículo dos espectadores: Ammon ficava condenado por charlatanismo, seu oráculo de falsidade, seus sacerdotes de lisonja. O filho de Zeus em um desmaio, exigindo assistência médica! Quem poderia deixar de rir ao ver? E agora que você morreu, você pode duvidar que muitos gracejos estão sendo ditos sobre o assunto de sua divindade, como os homens contemplam o cadáver do Deus, o estabelecem para o enterro, e já está indo pelo caminho de toda carne? Além disso, suas realizações perdem metade do seu crédito a partir desta mesma circunstância que você diria que foi tão útil para facilitar suas conquistas: nada que você fez poderia vir até a sua reputação divina. (BARLETTA, 2010, p. 50)⁵.

O próximo trecho é dedicado a Filipe converter a bravura de Alexandre em loucura e até colocar em dúvida o culto de Amon e o oráculo de Siwa. O ataque é direto, e o que é mais devastador é a maneira que Filipe transforma Alexandre a partir de uma conquista a um objeto passivo: um cadáver fedorento preparado para o enterro. Neste ponto Alexandre reage a reprovação de seu pai e tenta se defender e sua fama. O resultado, porém, é que Filipe é capaz de ridicularizá-lo ainda mais, convidando o filho a reconhecer-se como um dos mortos: (BARLETTA, 2010, p. 50)⁶

Alexandre: O mundo pensa o contrário. Estou ranqueado com Hércules e Dionísio; e, para esse assunto, eu levei Aornos, que era mais do que qualquer um deles poderia fazer.

Filipe: Não falou, filho de Amom. Hercules e Dionísio, o são de fato! Você devia ter vergonha de si mesmo, Alexander; quando você vai aprender a deixar cair esse estilo, e reconhecer-se como a sombra que você é? (BARLETTA, 2010 p. 50)⁷.

⁵ Alex: And have you nothing to say of my adventurous spirit, father, when I was the first to leap down within the ramparts of Oxydracae, and was covered with wounds?

Phil: Not a word. Not that it is a bad thing, in my opinion, for a king to get wounded occasionally, and to face danger at the head of his troops: but this was the last thing that you were called upon to do. You were passing for a God; and your being wounded, and carried off the field on a litter, bleeding and groaning, could only excite the ridicule of the spectators: Ammon stood convicted of quackery, his oracle of falsehood, his priests of flattery. The son of Zeus in a swoon, requiring medical assistance! Who could help laughing at the sight? And now that you have died, can you doubt that many a jest is being cracked on the subject of your divinity, as men contemplate the God's corpse laid out for burial, and already going the way of all flesh? Besides, your achievements lose half their credit from this very circumstance which you say was so useful in facilitating your conquests: nothing you did could come up to your divine reputation. (BARLETTA, 2010 p. 50).

⁶ Here Philip converts Alexander's bravery into foolishness and even calls into doubt the cult of Amun and the oracle at Siwa. The attack is direct, and what is most devastating is the way Philip (through Lucian) transforms Alexander from a conquering subject to a passive object: a stinking corpse laid out for burial. At this point Alexander reacts to his father's reproach and tries to defend himself and his fame. The result, however, is that Philip is able to ridicule him even further, calling on his son to recognize himself as one of the dead (BARLETTA, 2010, p. 50)

⁷ Alex: The world thinks otherwise. I am ranked with Heracles and Dionysus; and, for that matter, I took Aornos, which was more than either of them could do Phil: There spoke the son of Ammon. Heracles and

O argumento dá conta de que Alexandre deve se conhecer e aceitar a sombra que é de uma maneira filosófica, ele está sendo chamado por seu pai morto para retornar de seus costumes asiáticos e pretensões de imortalidade egípcia e aceitar seu lugar no Hades como o filho de Filipe (BARLETTA, 2010, p.50-51).

O diálogo na obra de Luciano, apresenta uma abordagem diferente sobre a imortalidade de Alexandre. Ele vem no sentido de reprovar a utilização desse artifício por Alexandre de uma forma, que pode ser considerada simples: a confrontação de seu pai “biológico” no Hades.

As questões levantadas por Filipe no sentido de menosprezar essa atitude não seriam improváveis, já que essa relação entre pai e filho foi tumultuada mesmo em vida. A escolha desse diálogo presente na obra, mesmo que ele venha contestar a divindade de Alexandre, se dá pela sua marca temporal. No 11 século da e.c. ainda se escrevia sobre sua divindade e imortalidade, mesmo que a fim de refutá-las. Um indício de que a propaganda que ele propôs a fazer sobre si mesmo tinha dado frutos.

Plutarco.

De toda a produção de Plutarco, é nas *Vidas Paralelas* (obra em que aparece a figura de Alexandre) que se encontra a expressão mais perfeita da rica personalidade de Plutarco e onde o estudioso, o filósofo, o moralista e homem interessado no passado, olhando para as grandes virtudes de seus heróis mescla uma aplicação prática de teorias éticas. Por esta razão, as suas “vidas” aparecem como um trabalho cuidadoso em sua prosa, adaptado, no discurso para o público, que quer passar uma mensagem moral, em vez de uma profunda pesquisa histórica. (PÉREZ JIMÉNEZ, 1985, p. 71).

Pode-se identificar dentro da obra passagens relacionadas aos temas que estão na centralidade deste trabalho, o primeiro trecho selecionado, dá conta das raízes heroicas da família real macedônica, tendo Hércules como ancestral do lado paterno e Aquiles do lado materno, seguido por um que está relacionado a sua concepção.

Alexandre era um descendente de Hercules através de Caranus do lado de seu pai; no lado da sua mãe era um descendente de Aeacus através Neoptolemus. [...]. Em outra ocasião, uma cobra estendida em Olímpia aparece ao seu lado enquanto ela dormia. Eles dizem que isto diminuiu muito o desejo e entusiasmo de Filipe por sua esposa. Ela já não dormia com ela frequentemente, estava com medo porque ela poderia lançar um feitiço ou fazer algo mágico

Dionysus, indeed! You ought to be ashamed of yourself, Alexander; when will you learn to drop that bombast, and know yourself for the shade that you are? (BARLETTA, 2010, p. 50).

sobre ele, ou porque ele achava que ela tinha acasalado com um ser superior (MILLER, 1954, p. 138)⁸.

A presença da cobra será encarada por Filipe como a presença do sobrenatural, a manifestação de um deus. No antigo mediterrâneo a cobra é encarada como um símbolo de imortalidade, pois ela regularmente troca sua pele e por isso nunca parece velha, desde que os deuses são imortais, as cobras são encaradas como representantes da presença física de uma deidade. (MILLER, 1954, p. 139).

Isso pode ser encarado como uma concepção divina de Alexandre, suas pretensões de ser um deus começam a ser justificadas já no momento de sua concepção, sua mãe esteve em contato com uma e Alexandre seria fruto dessa união, não da relação conjugal de Filipe e Olímpia. Como se pode ver em outro trecho da obra de Plutarco:

Chairon retornou de um oráculo de Apolo, que o instruiu a sacrificar a Zeus-Ammon e sustentar esse deus, em referência especial. Chairon também disse a Filipe que ele estava a perder um de seus olhos - o olho que fora usado para espionar o deus através de uma fresta na porta- o deus que tinha dormido com a sua esposa na forma de uma serpente (MILLER, 1954, p. 138)⁹.

Filipe recebera um castigo, ficaria caolho por ter espiado enquanto a divindade estava com sua mulher. Os escritos de Plutarco já trazem desde a concepção de Alexandre indícios de que ele seria um ser divino, vale ressaltar que ele está escrevendo por volta do 1 século da e.c. e contribui para a perpetuação da propaganda de Alexandre, indicando que ele não se tornou um deus, mas sim nasceu.

Arriano

O trabalho de Arriano com uma longa série de precedentes, estendendo-se por trás dele ajuda a perpetuar as façanhas de Alexandre, o Grande, que Droysen, grande historiador do helenismo, é inserido afirmou um dia com frase retumbante, que o seu nome se destina ao fim de uma época e início de outra. (GUZMAN GUERRA, 1982, p. 21).

⁸ Alexander was a descendant of Heracles through caranus on his father's side; on his mother's side he was a descendant of Aeacus through Neoptolemus. [...] On another occasion, a snake appears stretched out at Olympias' side while she slept. They say this greatly dampened Philip's desire and enthusiasm for his wife. He no longer slept with her as frequently, either because he was afraid she might cast a spell or work some magic on him, or because he thought she had mated with a higher being (MILLER, 1954, p. 138)

⁹ Chairon returned with na oracle from Apollo, who instructed him to sacrifice to Zeus-Ammon and to hold that god in special recerence. Chairon also told Philip that he was to lose one of his eyes - the eye he used to spy on the god through a crack in the door, the god who had slept whit his wife in the form of a snake (MILLER, 1954, p. 138).

Opta-se nessa obra por um trecho que remetem Alexandre a Aquiles, um ponto não tão explorado no trabalho, mas que também está presente em sua vida, e acabam por retratar a maneira que ele estava enxergando o mundo a sua volta. A respeito de Aquiles:

1.12.1-2: Alguns afirmam Alexandre colocou uma coroa de flores no túmulo de Aquiles (e eles também dizem que Heféstion colocou uma coroa de flores na de Pátroclo). De fato, Alexandre declarava Aquiles um homem de sorte, e isso é dito porque ele teve Homero para anunciar seus louvores para a posteridade. [2]E, para dizer a verdade, Alexandre acreditava que Aquiles deveria ter se considerado particularmente feliz no que se refere a este respeito, porque ele não desfrutaria a seu habitual bom sorte. Esta era uma área de deficiência em sua carreira, as obras de Alexandre não receberam a publicidade que ele queria; pois ninguém lhes deu em prosa, ou sequer em verso. Alexandre não tinha sequer seus louvores cantados em líricos visto, como Hieron, Gelon, Theron e muitos outros que não estão no mesmo nível que ele, de modo que a carreira de Alexandre é muito menos explorada do que os conhecidos mais triviais de tempos idos. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 210)¹⁰.

Sua pretensão a grandiosidade está mais do que clara, ele queria ser lembrado assim como Aquiles havia sido, ter um escritor que anunciasse suas conquistas para o mundo, um Homero que perpetuasse sua história, hoje vemos que sua pretensão foi alcançada, a sua imortalidade por meio de literatura foi garantida.

Justino.

A obra de Justino, ao contrário das outras que já foram vistas, chega apenas fragmentada aos dias atuais, mas mesmo assim consegue-se extrair desses fragmentos algumas passagens sobre Alexandre e sua relação com Hércules:

11.4.5: Cleadas nunca recorreu à devoção pessoal do rei para Hércules, que nasceu em sua cidade e de quem o clã do Eacides traça a sua descendência, e ao fato de que seu pai, Filipe, tinha passado sua infância em Tebas. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 211)¹¹.

¹⁰ 1.12.1–2: Some state that Alexander placed a wreath on Achilles' tomb (and they also say that Hephæstion placed a wreath on that of Patroclus). Indeed, Alexander declared Achilles a fortunate man, so it is said, because he chanced to have Homer to herald his praises to posterity. [2] And, to tell the truth, Alexander should have considered Achilles fortunate in this particular respect because in it he did not enjoy his usual good fortune. This was an area of deficiency in his career, and the deeds of Alexander did not receive the publicity that was their due; for no one gave them that either in prose or in verse. Alexander did not even have his praises sung in lyric verse, like Hieron, Gelon, Theron and many others who are not on the same level as he, so that Alexander's career is much less known than the most trivial exploits of by gone times. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 210).

¹¹ 11.4.5: Cleadas even appealed to the king's personal devotion to Hercules, who was born in their city and from whom the clan of the Aeacidæ traced its descent, and to the fact that his father Philip had spent his boyhood in Thebes. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 211).

Nesse primeiro trecho, Justino tratara a princípio da grande devoção do rei pelas conquistas de Hércules, mas também da sua ligação familiar com o herói, chegando a mencionar seu pai, Filipe, mais uma vez o respaldo da descendência familiar surge, há em sua árvore genealógica sangue de semideuses.

11.10.2–3 Agora que havia começado a realizar banquetes suntuosos e esplêndidos; agora também que ele havia se apaixonado pela prisioneira Barsina e por sua beleza - e com ela mais tarde teria um filho que seria chamado de Hércules (HECKEL. YARDLEY, 2004, p.211).¹²

Se tratando de festividades, Alexandre nunca economizou nos sacrifícios e nos presentes que oferecia. Sua ligação com Hércules se mostra mais uma vez com grande força, um filho com seu nome (todos os seus herdeiros e sua linhagem familiar acabam sendo mortos para que os propósitos de seus generais sejam conquistados.)

11.10.10: A cidade de Tiro enviou a Alexandre uma delegação com uma pesada coroa de ouro para demonstrar suas felicitações. Ele aceitou o presente com gratidão, e disse que desejava ir a Tiro para realizar seus sacrifícios a Hércules. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 211)¹³.

Mais uma vez, as reverências à Hércules são colocadas, isso é fato corriqueiro em sua vida, como já se pode ver, toda e qualquer possibilidade de exaltação a ele era feita, ir aos locais em que ele esteve, toda e qualquer atitude que os aproximasse era tomada.

12.7.12-13 Depois de atravessar a Índia Alexandre atingiu uma eminência rochosa que era extremamente alto e íngreme, em que muitas tribos tinham procurado refúgio; e a ele foi dito que Hercules tinha sido impedido de captar este por um terremoto. Assim foi que, superada por um desejo de ser um conquistador melhor Hércules, ele enfrentou extrema dificuldade e perigo para tomar a altura, e finalmente, aceitar a rendição de todas as tribos locais.

12.9.1-2: De lá Alexander seguiu para o Rio Acesines e navegou para o Oceano, onde aceitou a rendição da Agensonae e Sibi, cujo fundador foi Hercules. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 212)¹⁴.

¹² 11.10.2–3 It was now that he first started to hold sumptuous banquets and splendid dinners; now, too, that he began to fall in love with the prisoner Barsine because of her beauty (by her he later had a son whom he named Hercules (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 211).

¹³ 11.10.10: The city of Tyre had sent Alexander a deputation with a heavy crown of gold in a show of congratulation. He accepted it with gratitude, then said he wished to go to Tyre to discharge his vows to Hercules. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 211).

¹⁴ 12.7.12–13 After traversing India Alexander now reached a rocky eminence which was extremely high and precipitous, on which many tribes had sought refuge; and he was told that Hercules had been prevented from capturing this by an earthquake. So it was that, overcome by an urge to better Hercules' exploits, he braved extreme hardship and peril to take the height, finally accepting the surrender of all the local tribes.

12.9.1–2: From there Alexander proceeded to the River Acesines and sailed down it to the Ocean, where he accepted the surrender of the Agensonae and the Sibi, whose founder was Hercules. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 212)

Mais uma vez os paralelos entre ele e Hércules são traçados, conquistar o que ele conquistou, ou ir para além disso significava muito para Alexandre, ele estaria se equiparando aos feitos do semideus que lhe daria suporte para as suas pretensões divinas, a imortalidade de seu corpo não era possível, mas a de seus feitos sim.

Claudio Eliano.

Varia Historia é considerada por vezes uma obra desorganizada, com falta de prologo e epilogo, mas cumpre um papel importante, a composição dos diversos artigos autônomos, não servem apenas para necessidades literárias e educacionais, o valor das anedotas selecionadas contribui para desenhar novamente a primazia da essência grega (CORTÉS COPETE, 2006, p. 17). Dessa obra seleciona-se trechos sobre a divindade de Alexandre.

2.19 Depois de derrotar Dario e se tornando senhor do império persa, Alexandre ficou muito satisfeito consigo mesmo, e por causa do sucesso que tiveram frequentemente ele dizia que se sentia como um deus. Portanto mandou uma ordem para os gregos fazerem uma votação tornando-o divino. Era uma ordem absurda; não iria conseguir, ele não tinha isso da natureza, simplesmente estava o pedindo para seres humanos. Vários estados passaram vários graus, mas os espartanos tinham a seguinte redação: "Desde que Alexander quer ser um deus, seja ele um deus. Lacônio, foi o autor desse comentário, utilizados pelos espartanos para expor a estupidez de Alexandre. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 221).¹⁵

A pretensão de Alexandre é considerada absurda, ele está pedindo para que o conselho de cidades gregas o faça divino, e é tratado como estúpido por ser um simples humano e pedir por isso, mas mesmo com todas essas adversidades tem o seu pedido atendido.

9.37 Quando Alexandre pensou que eu era um deus, Anaxarco, que foi apelidado de "feliz" riu dele. Uma vez, quando Alexandre estava doente, e seu médico prescreveu que mingau deveria ser preparado para ele. Anaxarco riu, dizendo: "Assim, o prognostico de nosso deus, depende de uma xícara de mingau! " (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 222).¹⁶

¹⁵ 2.19: After defeating Darius and making himself master of the Persian empire, Alexander was very pleased with himself, and because of the success that had attended him he felt like a god. He therefore sent an order to the Greeks to take a vote making him divine. It was an absurd order; he would not get what he did not have from nature by simply asking for it from human beings. Various states passed various decrees, but the Spartans' was worded as follows: "Since Alexander wants to be a god, let him be a god." It was a Laconic comment, quite typical of their country, which the Spartans used to expose Alexander's stupidity. (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 221).

¹⁶ 9.37 When Alexander thought he was a god, Anaxarchus, who was nicknamed "Happy", laughed at him. Once, when Alexander was ill, his doctor prescribed that gruel be prepared for him. Anaxarchus laughed, saying: "So, our god's prognosis depends on a cup of gruel!" (HECKEL. YARDLEY, 2004, p. 222).

Mais uma vez as características humanas do rei o levam a comentários ácidos por suas pretensões, como pode um deus estar doente e ainda depender de uma xícara de mingau para que melhore? Ele construiu toda uma propaganda em torno de sua própria imagem para levar seus súditos a acreditarem e aceitarem isso, mas não estava livre dos descrentes.

De uma maneira geral, após todo o exposto, da variedade de autores utilizados que reproduziram sua vida - ou partes dela - demonstrando como ele foi fiel as suas crenças e buscou de forma incansável por fama e admiração, pode-se dizer que Alexandre teve seu objetivo alcançado. Tornou-se imortal pelos seus feitos.

Considerações Finais

Utilizando do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (2003) em que nos leva a considerar toda a gama de objetos que torno de um tema, percebemos que o discurso visual foi de extrema importância para toda a sua legitimação de poder, todas as imagens vêm carregadas de ideologias que irão ajudar nesse processo, a marca visual que Alexandre cria ao tornar sua face reconhecível em todos os lugares se revela uma estratégia inédita até aquele momento, e muito eficaz.

O segundo ponto se relaciona com a sua divinização. Sua postura enquanto viveu e até mesmo seu pedido no conselho das cidades gregas - que foi atendido - para se tornar um deus, mostram que sua propaganda surte o efeito desejado. E isso tem sua confirmação após sua morte com o uso de sua imagem para legitimar os novos governos que estão surgindo e com os escritores que vão retratar esses fatos, quando escrevem sobre sua vida, séculos mais tarde.

Alexandre demonstra seu caráter guerreiro e heroico durante toda sua vida, e suas práticas de legitimação do poder baseadas na heroicização, ascendência divina e a divinização pessoal se revelam de extrema importância, influenciando primeiramente os diádocos, as civilizações posteriores e até os dias atuais, em que muitas vezes se busca no passado formas de legitimação.

Bibliografia

- BARLETTA, Vincent. **Death in Babylon: Alexander the Great & Iberian empire in the Muslin Orient**. The University of Chicago Press, Chicago, 2010.
- BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Tradução de Henrique Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CÓRTEZ CORPETE, Juan Manuel. Claudio Eliano. **Historias curiosas**. Marid: Editorial Gredos, 2006.

- DAHMEN, Karsten. **The Legend of Alexander the Great on Greek and Roman Coins**. New York: Routledge, 2007.
- ESPINOSA ALARCON, Andrés. **Luciano**. Obras I. Madrid: Editorial Gredos, 1981.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- GREEN, Peter. **Alexandre o Grande e o período Helenístico**. Tradução de: Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- GUZMAN GUERRA, Antônio. **Arriano. Anábasis de Alejandro Magno**. Libros I-III. Madrid: Editorial Gredos, 1982
- HECKEL, Waldemar. **Who's who in the age of Alexander the Great. Prosopography of Alexander's Empire**. Blackwell Publishing: USA, 2006.
- HOLT, Frank L. **Alexander the Great and the mystery of the elephant medalions**. England: University of California Press, Ltda. 2003.
- MILLER, Robert J. Born Divine. **The births of Jesus & other sons of God**. California: Polebridge Press, 1954.
- MOSSÉ, Claude. **Alexandre o Grande**. Tradução: Anamaria Skinner. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- PÉREZ JIMÉNEZ, Aurelio, **Plutarco. Vidas Paralelas**. Madrid: Editorial Gredos, 1985
- SANT'ANNA, Henrique M. de. **Alexandre Magno: a paixão da guerra**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001.
- SHANKS, Michael. Culture/Archeology. **The dispersion of a Discipline and its Objects** (284-305). IN: Archaeological Theory Today. Edited by Ian Hodder. UK: Polity Press, 2001.
- TARN, W.W. **Alexander the Great, II Sources and Studies**. Great Britain; Cambridge University Press, 1950.
- WORTHINGTON, Ian. **Alexandre the Great. A reader**. Routledge: New York, 2003.